

A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO POSITIVISTA NA EDUCAÇÃO MARANHENSE: O CASO DA UNIVERSIDADE POPULAR E ESCOLA DE ENSAIO

¹Marinalva Sousa Macedo, ²Ilma Vieira do Nascimento, ³Antonio José Silva Oliveira

¹ Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, Maranhão, Brasil

² Departamento de Educação II, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, Maranhão, Brasil

³ Departamento de Física, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, Maranhão, Brasil;

RESUMO

O presente trabalho localiza-se no tempo-espaço da sociedade maranhense nas duas primeiras décadas do século XX procurando desvelar as ações voltadas à educação da época. Para isso se elegeu como focus de análise as atividades educacionais desenvolvidas pela Universidade Popular e Escola de Ensaio..

Palavras-Chave: positivismo; educação; universidade popular e escola de ensaio.

ABSTRACT

The present study takes place in the time-space of maranhense society during the first two decade of the XX Century, searching to clarify the actions addressing the education in that period. Therefore, it was elected as analysis aim target the educational activities developed by the Popular University and the Educational School.

Keyword: positivism; education; popular university; and school of rehearsal.

INTRODUÇÃO

Neste artigo aborda-se influência do pensamento educacional positivista no Maranhão, tomando como referência dois grupos de intelectuais maranhenses, que criaram a Universidade Popular e a Escola de Ensaio no Maranhão.

Nesse sentido, destaca-se primeiramente o surgimento do positivismo na França até sua chegada no Brasil; em seguida faz-se uma análise do contexto histórico e político em que foram criadas as referidas instituições e, por último, uma abordagem das ações propostas e desenvolvidas pelos intelectuais de ambas as instituições.

Para sabermos se a Universidade Popular e a Escola de Ensaio foram influenciadas por alguns positivistas maranhenses, é necessário examinar como o positivismo surgiu no século XVIII. O positivismo aparecia como uma doutrina utópica crítico-revolucionária, para se tornar, no decorrer do século XIX até os dias atuais, uma ideologia identificada com a ordem estabelecida.

Podemos afirmar que o positivismo surgiu no momento em que se desenvolvia a filosofia das luzes na França, com a finalidade de combater a ideologia dominante da época, ou seja, a ideologia clerical, feudal e absolutista.

Um dos primeiros pensadores a defender essa visão de mundo foi Condorcet, para quem a ciência da sociedade devia assumir um caráter de uma matemática social, podendo ser estudada de forma numérica, precisa e rigorosa.

Para Condorcet, havia existido até então uma teoria da sociedade submetida inteiramente aos interesses das classes dominantes da época. Estas, por sua vez, controlavam o conhecimento não o deixando crescer. Sob o ponto de vista do nascente positivismo, para que o conhecimento científico crescesse impunha-se libertá-lo do atrelamento a que estava submetido. Era necessário também livrá-lo dos dogmas irracionais, políticos ou religiosos, considerados como preconceitos ou pré-noções.

Saint-Simon, discípulo de Condorcet, foi o primeiro a usar o termo positivo aplicado à ciência. De acordo com ele, a ciência da sociedade devia ser estudada segundo o modelo biológico e para isso deveria tomar como exemplo a Fisiologia. Na verdade, o que ele pretendia demonstrar é que certas classes sociais vivem às custas de outras classes, como se fossem parasitas e logo se percebe que suas idéias vão no sentido de combater as doutrinas das classes dominantes, a exemplo de Condorcet.

A transmutação da visão de mundo positivista em ideologia crítica para um sistema conceitual e axiológico que tende à defesa da ordem estabelecida só iria acontecer através de Comte. Foi exatamente o pensamento Comteano que influenciou a criação da Universidade Popular no Estado do Maranhão, que funcionou no período de 1909 a 1910; bem como, o surgimento da Escola de Ensaio em 1919, cujo funcionamento vai daí até aproximadamente 1924.

Positivismo Comteano

Comte nasceu na França em 1798; viveu grande par-

te de sua vida em Paris, onde morreu em 1857. Estudou medicina em Montpellier e engenharia na Escola Politécnica de Paris. Entretanto, não conseguiu concluir nenhum dos cursos referidos. Segundo Andery (2000), grande parte dos estudos de Comte foram feitos por sua própria conta.

Para sobreviver Comte exerceu várias profissões, dentre elas a de professor particular, tutor, examinador da Escola Politécnica em Paris. Além dessas atividades publicou livros e proferiu uma série de conferências públicas.

Vale ressaltar que, apesar de Comte se considerar um seguidor de Condorcet e Saint-Simon, surgiu entre eles uma diferença fundamental: é que para Comte o pensamento deveria ser verdadeiramente positivo, ou seja, deveria rejeitar a dimensão crítica e revolucionária desse pensamento. Ele se referia aos dois primeiros autores positivistas, com os quais estava inteiramente em desacordo quanto a esses aspectos. Comte procurava formular um método positivo para se consagrar teórica e praticamente à defesa da ordem. Partindo dessa idéia, ele começou a reformular a concepção, então vigente, de ciência natural chamando-a, no primeiro momento, de Física Social. De acordo com ele, "a física social" faria o estudo das sociedades e dos fenômenos sociais.

Na verdade, Comte tinha uma crença absoluta de que a ciência positiva da época retiraria o homem das trevas, portanto o libertaria das concepções teológicas e metafísicas proporcionando-lhe o que de mais alto e perfeito pudesse existir. Logo, seus postulados buscavam no mundo prático a construção do conhecimento como fórmula exata da vida social, ou seja, uma filosofia que tinha a clara pretensão de colocar para a crise da história moderna uma solução prática, cuja substância consistia na matematização das coisas e dos fatos.

Para concretizar seu pensamento, Comte proferiu conferências públicas destinadas ao público leigo, e, em especial, aos trabalhadores. Para estes as conferências foram na área de astronomia, com o intuito de convencê-los de que o universo e a sociedade são submetidos a leis invariantes.

Vale lembrar que, apesar do pensamento de Comte parecer uma resposta específica do capitalismo francês do século XIX, os lemas positivistas de Comte atravessaram fronteiras influenciando a sociedade e a política de países com situação histórica bastante distinta da França, como, por exemplo, o Brasil.

O Positivismo chega ao Brasil e ao Maranhão

O positivismo começou a ser divulgado no Brasil na segunda metade do século XIX, especialmente entre os militares, que, por sua vez, haviam estudado na Escola Politécnica de Paris, onde Comte proferia cursos livres.

Vale sinalizar que no Brasil houve uma forte resistência contra o projeto de criação de Universidades, embora

inicialmente essa resistência tenha sido posta pela coroa portuguesa. Posteriormente, também foi assumida por políticos e segmentos da intelectualidade brasileira. Entretanto, a causa dessa resistência na historiografia educacional brasileira não é clara, pois não existe um consenso quanto a essa questão (ROMANELLI, 1999).

A verdade é que, na primeira metade do século XX, houve uma acirrada polêmica envolvendo positivistas, liberais e católicos em torno da criação ou não da universidade no Brasil.

Nesse sentido, os que eram contrários apelavam para o imperador pedindo que evitasse a criação de uma Universidade pois, na opinião desses positivistas, essa instituição já tinha se tornada retrógrada em todo o mundo. Segundo Cruz et al (2000), o melhor seria utilizar os recursos destinados à criação de uma universidade para a instrução popular, sendo esta mais urgente e necessária, beneficiando a maioria da população, enquanto a primeira ficaria restrita a uma pequena parcela de privilegiados da sociedade.

No início do século XX, em decorrência das transformações econômicas e políticas, a influência positivista tornou-se marcante no que se refere à educação nacional. Segundo Ribeiro (2001, p.69), essa mudança se deu devido ao fato de o

[...] governo imperial atender aos interesses da camada senhorial, constituída de duas facções significativas; a primeira ligada à lavoura tradicional (cana, tabaco, algodão) e a ligada à nova lavoura (café). Esta última dominava o aparelho do Estado.

A partir desse momento e, contraditoriamente ao século anterior, os positivistas passariam a defender a educação popular e iriam criar universidades livres em São Paulo, Manaus, Paraná e no Maranhão.

As novidades dos mais diversos gêneros europeus sempre despertaram interesses nos espíritos curiosos maranhenses. Logo, com o positivismo não foi diferente. Contando com alguns intelectuais de renome nacional como Teixeira Mendes, as idéias positivistas rapidamente se difundiram no Maranhão; dentro da província passaram a contar com um grupo de intelectuais empenhados em fazer sua divulgação (RODRIGUEZ, 1982).

Isso se deu em virtude da formação de alguns maranhenses ter sido feita em escolas do sul do Brasil e na Faculdade de Direito de Recife, onde essas idéias encontraram grande abrigo. Ao voltarem à sua cidade natal, confessavam-se encantados com a filosofia Comteana e passaram a fazer campanha aberta em prol da filosofia positiva, especialmente através de conferências, palestras e reuniões privadas.

Contexto Econômico e Político do Maranhão

No Maranhão, a idéia de criação de uma universi-

dade popular surgiu em um contexto conturbado com uma crise no campo econômico e uma forte disputa no campo político. Em 1909, com a morte do governador Benedito Leite, assumiu o vice-governador Artur Moreira, que por motivo de viagem ausentou-se do cargo. Diante disso quem assumiu foi o presidente da assembléia, Mariano Martins Lisboa Neto, que não devolveu o cargo a Artur Moreira alegando que este não havia tirado licença junto ao Legislativo. No entanto, Artur Moreira declarou-se reempossado e instalou seu governo fora do palácio. Este período ficou conhecido como o ano da “dualidade política no Maranhão”. O problema só foi resolvido com a intervenção do governo central, que nomeou como governador provisório Américo Vespúcio dos Reis, até que novas eleições fossem realizadas.

No campo econômico, o novo governador eleito trouxe metas com o intuito de combater a crise econômica que assolava o estado, principalmente para o setor da agricultura e da pecuária. Nesse sentido, alguns impostos foram reduzidos, outros eliminados. Além disso, foram instituídos prêmios com o objetivo de aumentar a importação de gado de raça; e mais, os salários da magistratura e funcionalismo foram aumentados. No entanto, o que o governador não esperava aconteceu: os preços dos gêneros no mercado despencaram. Ademais, a arrecadação fiscal diminuiu, enquanto os encargos haviam aumentado. Logo o governador viu seu sonho de tirar o estado da crise econômica desmoronar, com o pagamento dos funcionários atrasados, fornecedores não sendo pagos, juros de empréstimos suspensos, o que provocou um caos em sua administração e o rompimento com alguns políticos que o apoiavam (CASTRO, 1996).

Surgimento da Universidade Popular no Maranhão

Foi no bojo dessas agitações políticas e econômicas que surgiu a idéia de se criar uma Universidade Popular no Maranhão, por iniciativa de Antônio Lobo, que conseguiu mobilizar outros intelectuais maranhenses para organizarem o que eles chamavam de “um novo experimento educacional”. Vale lembrar que idéia similar havia sido também o sonho de outros intelectuais, dentre eles, Barbosa de Godoy, Agripino Azevedo, Almir Nina e o próprio Antônio Lobo.

Em 1909, mais precisamente no dia 13 de setembro, vários “cultores” das letras que residiam em São Luís reuniram-se na Biblioteca Pública do Estado com o firme propósito de analisar a proposta e a forma de funcionamento da Universidade Popular no nosso estado. Entre eles estavam presentes: Godofredo Viana, Antônio Lobo, Jerônimo Viveiros e Luís Viana. A partir de então, ficou acordado que a Universidade Popular iria funcionar semanalmente, às quintas-feiras no salão nobre da Biblioteca Pública Estadual (OLIVEIRA et al, 2000).

Todavia, os objetivos da criação da Universidade Popular não foram explicitados pelo seu mentor, mas somente a forma e o local de seu funcionamento. Mas se levamos

em conta que o termo popular é algo que envolve o povo ou feito para o povo, entendemos que suas conferências seriam direcionadas também para os segmentos populares.

O certo é que como instrumentos de divulgação de suas conferências a Universidade Popular contava com o jornal a “Pacotilha”, que nas quintas-feiras divulgava uma nota com o tema da conferência, o nome do conferencista e ainda convidava a população a participar. Às sextas-feiras, a Pacotilha trazia na sua primeira página o resumo da conferência, com destaque para os conferencistas, que por sinal eram bastante elogiados.

É importante frisar que pelas conferências publicadas e analisadas, pôde-se constatar que estas ficaram restritas a algumas áreas de conhecimentos, como: História Geral, Direito, Astronomia e Literatura. Na primeira conferência na área de História proferida por Antônio Lobo, este esclareceu que sua iniciativa estava pautada em experiências de outros países, como Inglaterra e Estados Unidos. Nesses países as bibliotecas públicas transformaram-se em forças pedagógicas ativas, uma vez que não esperavam a chegada dos leitores, mas iam convocá-los e atraí-los através de conferências públicas realizadas em seus próprios salões. Além disso, faziam indicação dos melhores livros que se encontravam disponíveis em suas bibliotecas.

Portanto, o que se chamou de “novo experimento”, na verdade era mais imitação vinda de fora, organizada de acordo com os interesses de uma parcela restrita da sociedade maranhense da época, sem o compromisso de contribuir para a mudança da sociedade, constituindo uma experiência isolada e fragmentada.

Fazendo uma análise dessas conferências, percebe-se uma preocupação dos conferencistas em trazer para a sociedade maranhense informações sobre temas universais, porém, desprovidos de significados para a classe trabalhadora, uma vez que seus problemas foram totalmente esquecidos. Como podemos perceber a Universidade Popular no Maranhão de popular só teve o nome, uma vez que não foi feita para o povo, alijando-se, dessa forma, a participação popular do desenvolvimento dessas iniciativas.

Vale pontuar que na pesquisa realizada nos meios de comunicação da época, não foram encontrados os motivos que levaram ao insucesso as conferências da Universidade Popular do Maranhão.

Todavia, as idéias positivistas continuavam em foco, especialmente entre a intelectualidade maranhense remanescente da Universidade Popular; tanto que com o intuito de reafirmar sua admiração por essa doutrina, eles trouxeram a São Luís Juan José Elizalde, um estudioso chileno do positivismo, para proferir três conferências que ficaram conhecidas como o “arraial do positivismo”. Essas conferências foram realizadas no teatro São Luís, em julho de 1917, ou seja, sete anos após o fim da Universidade Popular e eram abertas ao público em geral, fazendo-se apenas uma

exigência: que as pessoas se apresentassem bem trajadas.

A primeira conferência teve como tema **“O Brasil e sua bandeira”**. Relacionados ao tema dessa conferência, também foram realizados debates sobre as seguintes temáticas: **“Salve a paz”**; **“Beleza da terra brasileira”**; **“Reflexões morais”**; **“Oração da bandeira”**; **“O futuro grandioso do Brasil”**, entre outras.

Ao falar do Maranhão o conferencista mostrava, durante os debates, toda sua admiração, pois de acordo ele: **“O Maranhão, senhores de povo altivo e viril, como o mais o seja, se ergue majestoso e resplandece tanto pelo altruísmo de suas autoridades progressistas, como pela cultura de sua ilustre plenitude de emancipar-se dos dogmas já caducos”** (O ESTADO, 1917).

A segunda conferência teve como tema **“A apoteose da mulher”**. Tal como na primeira, além desse tema foram discutidos outros a ele relacionados, tais como: **“Missão da mulher: sua adoração como mãe, filha, esposa”**; **“Escola do lar”**; **“O triunfo do amor sobre a ciência”**.

A última conferência caracterizou-se como uma verdadeira adoração a Augusto Comte; nela o conferencista exclamava: **“Levantai em sua honra hinos de glória ao gênio imortal Augusto Comte, servidor maior, mais sábio e mais virtuoso com que a humanidade o glorifica! Salve titã sublime dos séculos, que salvará o mundo com tua santa doutrina”** (O ESTADO, 1917).

Percebe-se pelo que foi descrito acima, influências do positivismo sobre a educação maranhense. Segundo o que foi divulgado na época, o salão do teatro estava lotado, inclusive com a presença do governador do estado - Sr. Herculano Parga. Na verdade, observa-se nesse período que, no âmbito educacional, havia um sólido padrão de pensamento limitado ao ideário cívico e patriótico e exacerbado apego à ordem estabelecida.

A exemplo da primeira década do século XX, a década de vinte foi marcada por movimentos sociais. A sociedade vivenciava um período de transição de um modelo econômico agrário para um modelo mais autônomo, urbano industrial, que implicava novos padrões de convivência.

No campo econômico o Maranhão atravessava dificuldades financeiras, apesar da euforia dos preços causados pela primeira guerra mundial, isso porque a indústria maranhense não conseguiu acompanhar o desenvolvimento dos grandes centros. No campo político, surgiram novos partidos com novas lideranças, com destaque para a política de Urbano Santos, considerado um político de projeção nacional, que iria exercer o cargo de governador do Maranhão no período de 1918-1922. Este promoveu mudanças especialmente na área educacional, pois nesse momento a luta por um ensino de qualidade saía da esfera política para a esfera social, a quantidade a nível educacional foi substituída pela qualidade, pelo menos no discurso.

Assim sendo, intelectuais, educadores e a sociedade em geral exigiam uma formação mais consistente aos cidadãos maranhenses. Foi com esse intuito que o governador, através do decreto de nº 206, de 12 de julho de 1919, promoveu a reestruturação do ensino maranhense, com ênfase maior ao ensino primário (MEIRELES, 2001).

A Escola de Ensaio

Tal como a Universidade Popular, a Escola de Ensaio surgiu em um contexto rico em movimentos sociais que questionava a ordem estabelecida. Em janeiro de 1919, sua criação foi proposta por Astrolábio Caldas, analisada e aceita por outros intelectuais maranhenses.

A escola tinha como finalidade promover palestras científicas e literárias à comunidade estudantil do Maranhão, semanalmente nas manhãs de domingo. Como instrumentos de divulgação de seus trabalhos a escola contava com o Diário de São Luís, Diário do Maranhão, o jornal e outros meios de comunicação locais existentes na época.

Aos sábados era divulgada uma nota com o tema da palestra, o nome do palestrante e daquele que iria fazer a crítica. Às segundas-feiras saía uma nota comentando a palestra, com destaque para o conferencista e com agradecimentos pela presença da população que havia lotado o salão nobre da escola. Não se sabe se a aceitação popular decorria do fato de ser o assunto realmente interessante, ou se o povo pretendia apenas participar de mais um evento promovido pela intelectualidade maranhense.

A primeira sessão da Escola de Ensaio teve como tema **“A Glória”**. A cargo dessa conferência estava o Sr. Antonio Machado e para fazer a crítica foi designado José Monteiro. O resumo não foi divulgado, o que impossibilitou analisá-lo. Mas em uma outra conferência, sob o tema **“Renascença”**, o conferencista discorreu sobre a glória. De acordo com suas palavras, **“Houve época em que o Maranhão refulgiu das glórias literárias. Um período de fortuna, embebido na prodigiosa riqueza do solo, gozando a farta vida, regada do bem estar que o elemento servil fornecia; surgiram espíritos translúcidos como faróis em meio da penumbra: a sede do saber acordou a mocidade, as faculdades da inteligência foram conduzidas aos estabelecimentos de ensino que glorificam do rigor da disciplina”**, (REVISTA MARANHENSE, 1916-1920).

Percebe-se que a intelectualidade maranhense sentia saudades do prestígio literário da Atenas Maranhense, pois para alguns a fama desse período tornou-se tão intensa que a um aspirante maranhense aos estudos superiores bastava a reputação do estabelecimento de ensino preparatório em São Luís, para logo o terem como suficientemente preparado no curso de humanidades. Ao término de sua palestra ele afirmou que seria um erro imperdoável se o Maranhão, berço de tantos homens ilustres, não se colocasse a favor da instrução no nosso estado.

Na área de Astronomia foram debatidos temas como: o Sol, as Estrelas, o Universo e outros, mas o destaque maior ficou com a área literária. História teve como ênfase as datas comemorativas, tais como: Proclamação da República, Dia do Trabalho e outros mais.

Com relação aos temas discutidos na Escola de Ensaio, é válido afirmar que foram debatidos diversos temas, não ficando restrito a áreas específicas de conhecimentos. Talvez essa variedade de assunto tenha a ver com o próprio nome da escola. Sendo assim, é necessário fazer algumas considerações acerca do termo.

A palavra “ensaio”, (BURKE, 2001), foi usada pela primeira vez por Montaigne, em 1580, na França. Este publicou um livro com o título de “Ensaio”. Ele se justificava afirmando que escrevera algo bem simples, ou seja, um esboço literário inacabado.

Com o passar do tempo começaram a surgir livros intitulados “Ensaaios”, em Inglês, Francês, Italiano, Espanhol, Alemão, e Português. Vale ressaltar que o auge dos ensaios foi no final do século XIX e início do século XX. No Brasil temos publicados ‘Ensaaios de Crítica’ de Silvio Romero, e “Ensaio sobre a música brasileira” de Mário de Andrade e, sobretudo, as obras de Gilberto Freire, que publicou várias coleções de pequenos estudos.

Na opinião de alguns autores, o termo “ensaio”, tornando-se mais relevante, foi entendido não apenas como um escrito de dimensão reduzido, mas uma expressão de opinião que não se baseia em pensamento rigoroso e muito menos numa pesquisa extensiva. Pode ser um estudo fácil de ler e escrever, produzido para uma determinada ocasião, e pode ser praticado dentro de diversas áreas de conhecimento, com variados assuntos que podem ser passados buscando-se a causa individual por trás da generalização ou até mesmo o preconceito por trás da imparcialidade.

Análise feita do termo “ensaio” nos ajuda a compreender o porquê de os conferencistas da Escola de Ensaio fazerem um passeio pelas diversas áreas do conhecimento, sem se aprofundarem em nenhuma delas.

Contudo, se fizermos um paralelo entre a Universidade Popular e a Escola de Ensaio, percebemos que houve avanços da segunda em relação à primeira, pois enquanto a primeira restringiu-se a conferências de caráter elitístico delimitada ao pensamento positivista, a segunda elegeu como público alvo os estudantes da rede pública e particular de ensino. Para incentivá-los ofereceu cursos profissionalizantes, instituiu prêmios que foram distribuídos aos melhores alunos da rede pública de ensino do Maranhão. Todavia, ao se recusar discutir temas polêmicos cometeu o mesmo erro da Universidade Popular. Vale lembrar que a Escola de Ensaio não chegou a ser consagrada pelo sistema oficial de ensino.

CONCLUSÃO

Podemos afirmar que a “iluminação” positivista ao espalhar seus raios entre a intelectualidade maranhense os influenciou na forma de organização e desenvolvimento das iniciativas educacionais em estudo. Não se pode dizer que essas iniciativas tiveram uma educação voltada para a formação da classe trabalhadora da sociedade local, haja vista que os problemas locais não se constituíram em temas relevantes para os organizadores das aludidas conferências. Pode-se, portanto, inferir que esse “esquecimento” decorreu da recusa em discutir temas que pudessem causar alguma polêmica. Logo, se percebe que não estavam preocupados com a promoção de mudanças na sociedade, uma vez que mudanças, via de regra, implicam, alguma forma de conflito.

O positivismo chegou no Maranhão não como uma mera reprodução da filosofia de Comte desenvolvida no cenário francês, mas sim ganhou nesse estado uma versão temperada pelo ecletismo que marcava o pensamento dos intelectuais, formadores de opinião dentro dos partidos políticos e das famílias de prestígio da época.

O estudo mostrou-nos que o Maranhão não se constituía em um lugar isolado, nem cultural, nem econômica, nem politicamente falando, já que não podemos esquecer a forte influência francesa e portuguesa entre outras, em nossa formação histórica. Vivia-se transplantando modelos para a solução de nossos problemas que muitas vezes se mantinham distanciados às especificidades da sociedade local.

REFERÊNCIAS

1. ANDERY, M.A.P.A. et al. **Para compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. 9.ed. Rio de Janeiro: Espaço Tempo; São Paulo: EDUC, 2000.
2. ANNAES do positivismo. **O Estado**, São Luís, ano III, 4 jul. 1917.
3. BURKE, Peter. Um ensaio sobre ensaios. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 de maio. 2001. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/fsp/1305200113htm>> Acesso em: 13 maio 2001.
4. CASTRO, L.A. **Universidade popular do Maranhão: uma instituição a serviço do povo** 1996. 70 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1996.
5. Cruz, M.V.; CRUZ, M.E. da (Org.); CORREIA, O. **A extensão universitária no Brasil: um resgate histórico**. São Cristóvão: UFS, Fundação Ovídio Teixeira, 2000.
6. DIÁRIO DE SÃO LUÍS, São Luís, ano IV, n.85. 1921.
7. MEIRELES, M.M. **O ensino superior no Maranhão: um esboço histórico**. São Luís: UFMA, 1981.
8. OLIVEIRA, A.J.S. et al. **Ciência e Ensino Superior no**

Brasil e no Maranhão. **Ceuma Perspectivas**, São Luís, p.95-101, fev., 2000.

9. REVISTA MARANHENSE ARTES, CIÊNCIAS E LETRAS. São Luís: [s.n], n.1-58, 1916-1920.
- 10.ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil**. 22.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- 11.RIBEIRO, M.L.S. **História da educação brasileira: organização escolar**. 17. ed. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- 12.RODRIGUEZ, A. **Crítica ao positivismo na imprensa maranhense**. São Luís: Segima, 1982.